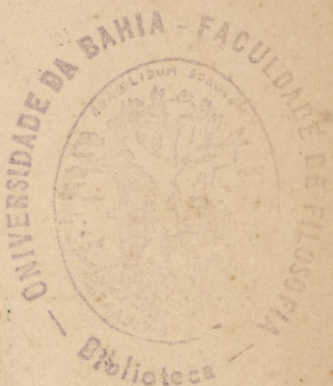


Centro de Estudos Bahianos

AFFONSO RUY



BAHIA, 1842...

PUBLICAÇÃO
ALVADOR - BAHIA



30 DE NOVEMBRO DE 1967

f981.42
R985

ESTE VOLUME DEVE SER DEVOLVIDO NA
ÚLTIMA DATA ABAIXO INDICADA

19/11/85		
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

UFBA - Mod. 051 - 10.000 - 12/78

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral
Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto N.º 9 — Bahia.

UNIVERSIDADE DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA
BIBLIOTECA
N.º de Tombo 12775/74

F. F. U. Ba.
Centro de Estudos Históricos

BAHIA, 1842...

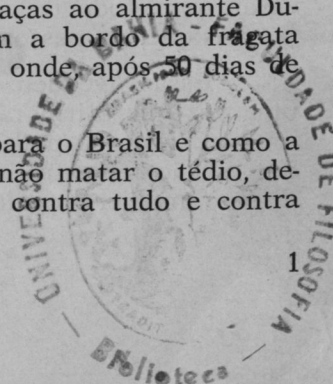
Affonso Ruy

O Brasil, em todos os tempos, tem sido um campo aberto aos visitantes estrangeiros; uns em busca científica, outros a procura de emoções através da natureza tropical quase selvagem das suas terras, outros tentando sensacionalismo publicitário e forma de equilíbrio financeiro. Das suas observações, dos seus estudos e da sua literatura aventureira às vêzes maldizente, há extensa bibliografia, da qual, no que se refere à Bahia, o Centro de Estudos tem examinado, estudado, criticado, discutido o seu conteúdo.

Agora, mais um livro há que se ajuntar à copiosa série: "O Brasil em 1845", assinado pelo Conde de Suzannet, que tudo leva a crer ser filho do fidalgo Pierre Jean Baptiste, do mesmo título, chefe vandeiano, morto no combate de La Roche-Servièrre, em 1815, contra as hostes napoleônicas. Ao que parece, a revolução que derrubou o trono de Luis Felipe encontrou-o em boas graças com a realeza constitucional da França por convicção e pela lembrança do leal devotamento do pai que perdera a vida no campo realista.

Jovem, independente e livre, resolve esquecer a tortura daquele melancólico ocaso dos Bourbons, buscando novas terras e novas emoções, ávido de uma vida trepidante e diferente, procurando — justifica — completar sua educação, quando, em verdade, procura romper a ociosidade monótona que se não coaduna com os seus 28 anos. Vai ao Oriente e não tarda em procurar a América, graças ao almirante Duperré que lhe concede uma passagem a bordo da fragata Danae que se destina ao Rio da Prata, onde, após 50 dias de viagem, chega a Montevidéu.

Três meses depois transfere-se para o Brasil e como a sua viagem não tem outro objetivo senão matar o tédio, decepçiona-se com êsse país, indisposto contra tudo e contra



todos. Austregésio de Athayde, prefaciando a tradução do livro do Conde de Suzannet, opina:

"O Conde de Suzannet viu-nos com os olhos de um nobre francês, enfatuado em suas próprias concepções sociais e sem penetração suficiente para descobrir nos defeitos e vícios de uma sociedade que começa a se formar os sinais do seu futuro vigor e os elementos básicos de raça, economia e força psicológica que destinavam o povo brasileiro à realização de um grande papel no mundo.

Não se pode dizer, porque seria injusto, que a sua intenção fôsse deprimir o Brasil, apontando as grandes falhas que então eram impressionantes na vida política e social do Império. Por temperamento, era um espírito que percebia mais facilmente os lados negativos dos homens e das coisas e punha o acento do seu interesse nos aspectos menos recomendáveis ou promissores da vida dos lugares que visitava.

Teimando em estabelecer confrontos entre as terras semi-incultas que percorria e o grande centro de civilização onde nascera, era compreensível que encontrasse sempre motivos de censura, crítica e até desprêzo onde outros mais benévolo achavam justas razões de admiração e esperança no futuro".

Não estamos de acôrdo com a indulgência de Austregésio, porque a verdade é que, no livro, não há confrontos com o que de nós disse êsse francês. Faz afirmativas e conclusões sempre contrárias ao Brasil.

Ao incontentado e tão maldizente viajante a baía da Guanabara não produziu qualquer emoção; no Rio, só lhe pareceu notável "pelo seu comprimento e sua grandiosa proporção" o aqueduto que trazia a água do Corcovado para abastecer a cidade. No mais, era a Cidade de ruas estreitas e sujas, na sua quase totalidade de casas de um só andar, excetuada a rua do Ouvidor onde os logistas franceses modernizavam o método de comércio, empregando "moças jovens e bonitas que, em pessoa, vendiam as mercadorias às freguezas".

Essas "vendeuses" deviam agradar ao trétego Conde, uma vez que afirmara só haver talvez no Rio umas 4 ou 5 mulheres que se poderiam citar por sua beleza, porque "as outras não têm atrativos nem sedução". E continua, referindo-se à mulher brasileira:

"O atrevimento do seu olhar e o cinismo das suas conversas inspiram quase sempre uma repulsa invencível; qualquer coisa choca e irrita quando dita por uma mulher que nos desagrada" ...

As suas predições para o Brasil são as mais negras, aliás um corolário natural para quem sentia o pouco caso do país pela sua nobreza e sua empáfia. As suas observações contra os homens e contra a igreja definem o seu despeito, envolvendo as damas cujos casamentos para êle são tão só jogos de interesse, afirmando que:

"Causa espanto ver-se uma moça ainda jovem rodeada de oito ou dez crianças. Uma ou duas, apenas, são dela; as outras são do marido. Os filhos naturais são em grande número e recebem a mesma educação dos legítimos. A imoralidade dos brasileiros é favorecida pela escravidão e o casamento é repellido pela maioria como um laço incômodo e um encargo inútil".

E após denunciar os senhores de engenho pela sua concupiscência, finaliza: "Sòmente nas suas relações com os escravos é que os brasileiros se entregam a todos os vícios do seu caráter. Quando depois de uma prolongada estada, consegue-se descobrir as chagas secretas desta sociedade tão pouco conhecidas, tem-se a desagradável surpresa de ver a corrupção profunda que se esconde sob uma reserva aparente. Para muitos desses homens que não têm da civilização senão os vícios, nada é sagrado, nem a amizade, nem a religião, nem a família. O sentimento mais forte é, no entanto, o medo; basta um perigo, mesmo aparente, para desmoralizar esses homens que não recuam diante de nenhum excesso".

Não sabemos se o Conde teria a coragem de seu progenitor, morto nos combates da Vandéia. Um fato patente nesse livro é a sua constância de injuriar os brasileiros que, acertadamente, primavam por desconhecer os seus pergaminhos, afirmando gostar "de falar da própria coragem do que dar provas dela".

Possivelmente a aristocracia nacional ignorou a presença do Conde. Isso talvez o irritasse e ferisse fundo a sua vaidade. Só viu o imperador uma única vez, confessa. E com a sua doentia má vontade traça, ao em vez de um retrato, uma caricatura, descrevendo D. Pedro "de baixa estatura e de gordura precoce, de notável semelhança física com seu

avô, Dom João VI", encontrando "entre os dois soberanos outras analogias. Tanto no neto como no avô, a teimosia une-se a indolência e à fraquesa".

"O Imperador não fala nunca", continua. "Encara com um olhar fixo e sem expressão, cumprimenta ou responde, apenas, por um meneio de cabeça ou movimento de mão. Deixa-nos uma impressão desagradável êste príncipe de vinte anos que parece tão triste e infeliz. A seriedade dêste jovem não inspira respeito e sim uma espécie de compaixão". E vaticina: "apesar das boas intenções não estará nunca à altura de uma tarefa que exija inteligência forte e vontade firme".

Felizmente para o Brasil e para o imperador, êste fidalgo desprestigiado pela nobreza brasileira, jamais recebido pelo imperador, se ainda vivesse na década de 80 veria o fracasso da sua predição pelo êxito de uma administração que trouxera para o país o respeito e o progresso e a admiração do mundo civilizado.

Mas o fidalgo francês não se satisfêz com o sadismo das suas notas porque, após alguns meses da Côrte, vem para a Bahia, a que êle dedica um capítulo inteiro. Regista ser a cidade alta menos frequentada que a baixa, onde só achou dignas de menção as igrejas da Conceição e do Pilar, a Alfândega e o Arsenal de Marinha. É a antítese da cidade alta com o seu conjunto de construções de uma arquitetura nobre e regular, cujos edificios lembram a antiga opulência.

Ao que parece, Salvador lhe refrêa um pouco a máquerença, porquanto, ao contrário da baía da Guanabara, que lhe não despertara siquer curiosidade, confessa ser a paisagem "maravilhosa vista da baía que se descortina do alto em que está situada a cidade, que completa a paisagem de maneira feliz". "É bem possível que o feitiço baiano tivesse exercido sôbre o Conde influência benéfica. Torna-se, às vêzes, humano, despido daquela roupagem de sensacionista que fustigara tão impiedosamente o carioca.

Visitou templos e conventos levantados em locais que considera bem escolhidos com vista panorâmica excepcional. Faz restrições ao clero, não só ao baiano mas ao de todo o Brasil, afirmando: "Nada mais desprezível do que um padre brasileiro. Valendo-se da religião que professa e da moral que devia defender, êle vive na mais vergonhosa desvassidão. Há padres que, rodeados de sua numerosa família, falam de seus filhos sem enrubescer. Quanto aos seus deveres, os únicos de

que êles tomam conhecimento, são os de se fazerem recompensar fartamente pelos enterros e nascimentos. Esta falta absoluta de dignidade impede os padres de serem respeitados como lhes seria fácil merecer, se fôssem fiéis à sua missão sagrada. Dariam, então, a êste povo naturalmente inclinado à fé, lições de moral elevada. Os seus preceitos seriam ouvidos e seguidos, e a consideração de todos os compen-saria em pouco tempo das canseiras que acarreta a sua nobre missão. Por não terem compreendido o seu papel, os padres hoje em dia não têm influência nem religiosa, nem política; vivem por isso num estado de abandono, sofrem as consequências do seu rebaixamento voluntário. Foi em vão que alguns missionários zelosos tentaram reconduzir as almas pelas suas prédicas; a sua influência só se faz sentir durante a sua permanência. Os primeiros a carecerem ser convertidos são os padres, e essa é, sem dúvida, a mais difícil das conversões".

Quanto aos claustros femininos da Bahia, as suas palavras têm a mesma virulência das com que tratou a mulher brasileira, afirmando "ter os mesmos características especiais. Lá o tempo é empregado na fabricação de flôres de penas e a libertinagem mais vergonhosa reina entre as reclusas".

E arremata o seu pensamento: "aliás, os exemplos dessa estranha aliança de deboche e devoção não são raros no Brasil".

Visitou as hospedarias e achou-as de sujeiras tão repugnantes que aceitou a hospitalidade do Cônsul da França, residente numa casa encantadora na Vitória que é — registra — "o bairro da cidade onde residem todos os comerciantes ricos que passam o dia inteiro na cidade baixa".

Acha o clima da cidade exageradamente quente e tão forte o calor que raramente é possível montar a cavalo durante o dia. "O meio de transporte mais usado — diz o francês — é a cadeira, uma espécie de poltrona coberta e protegida por cortinas, transportada nos ombros de dois escravos. Essas liteiras são procuradas principalmente pelas senhoras que delas se servem" — anotai — "que delas se servem para ir à casa dos seus amantes, apesar dos maridos ciumentos. Tôda família, mais ou menos rica, tem a sua cadeira particular, ricamente ornamentada, com cortinas adamas-cadas, com rendas, conduzida por negros de libré, cadeiras só usadas em determinadas ocasiões, preferindo todos a

utilização diária das cadeiras de aluguel, carregadas por negros congos, homens bonitos e inteligentes”.

O francês inclinou-se ao poderio sexual das negras a que êle faz rasgados elogios, considerando-as de alta beleza e fisicamente interessantes na sua roupagem singela e característica, mercadejando guloseimas ou caixas com miuçalhas dos armarinhos.

É textual a sua anotação a respeito:

“É impressionante a beleza das negras que se vêem voltando das fontes situadas fora da cidade, com o cântaro elegantemente colocado à cabeça. Outras negras vendem frutas e cerâmica de todos os tipos, ou ficam sentadas à porta das casas”.

“A sociedade da Bahia, — escreve o Conde — não se assemelha em nada à do Rio de Janeiro. Aí não se vêem a arrogância e a dureza das grandes damas que compõem, no Rio, o que se convencionou chamar a *côrte*. As relações sociais são mais agradáveis; há mais franqueza e cordialidade, apesar das mulheres, serem geralmente feias e de pele azeitonada, que as faz parecer mulatas”.

O Conde estava na Bahia no carnaval de 1863, e registrou os dias de loucura e abandono da cidade. No seu livro, escreve: “É um estranho prazer êste carnaval da Bahia. Durante 3 dias, tôdas as atividades são suspensas. Na rua somos assediados por todos os lados por vasilhas de água que nos atiram à cabeça, e que machucam, molham e até ferem. Mas pode também acontecer” — continua — “que uma mulher bonita jogue sôbre você uma bola de cera cheia de água perfumada, e então nada impede que você se embarafuste pela casa dela, pois tôdas as casas estarão abertas”. E acertadamente vaticinava: “Rapazes e moças conservam, com zêlo especial, o velho hábito do carnaval e é de crer que esta tradição galante não acabará tão cedo na Bahia”.

Silenciando sôbre as atividades industriais do Rio, o Conde francês declara que, na Bahia, antiga capital do Brasil, há também indústria de alguma importância. É aí que se fabricam os únicos charutos que se podem comprar no Brasil. E continua: “se houvesse mais cuidado na fabricação, êsse tabaco, que é de boa qualidade, seria, de logo, procurado pelos mercados europeus. Também anotou “um fabrico de sabão que satisfaz, em parte, às necessidades da população”.

Tão maldizente hóspede naufraga fragorosamente quando procura opinar sôbre os acontecimentos de 1837. Sabino Vieira, para êle, é um pardavasco, médico capaz e decidido, provindo de senzalas, dirigente de um movimento de negros que, aos gritos de “morreram os portugueses”, assassinam brancos e assaltam residências, ocupando a cidade que se torna paraíso das mulatas e dos negros livres. Suzannet, ao que parece, confunde suas notas e ajusta, no mesmo incidente, o movimento malê de 1835 ao de 1837, elegendo herói o revolucionário Sabino que, para escapar, refugia-se no consulado da França onde é encontrado nú, em baixo da cama, numa destorção da verdade, por isso que Sabino foi detido na residência do Cônsul da França, achando-se dentro de um guarda roupa. Quando sufocada a Sabinada, declara Suzannet:

“O govêrno ficou satisfeito com o triunfo, mas não se achou suficientemente forte para punir os rebeldes: concedeu a anistia a todos os que se renderam”.

O Conde, que tão maldosamente dá, a seu modo, um epílogo aos acontecimentos de maneira a denegrir os dirigentes do País, esquece-se de que na revolução malê mais de um milhar de negros morreu nas enxovias e que, na Sabinada, o juri popular da Vila de São Francisco condenou Sabino Vieira à morte, comutada em prisão a ser cumprida em Mato Grosso, onde anos mais tarde, o benefício da anistia o atinge. Se, a seu modo, estuda a terra e o homem, observa e comenta aspectos sociais e políticos, o viajante também procura enveredar pelo campo econômico. Assim registra o desequilíbrio da balança comercial ainda sôbre o reflexo do movimento de 37, em que as importações de mercadorias européias, no ano de 1840, é de 22 milhões de francos para uma exportação que não ultrapassa de 19 milhões, situação que cai ainda mais em 1841, quando a importação sobe a 23 milhões contra 15 milhões de francos.

As suas observações de referência ao tráfico de escravos na Bahia nas vésperas da lei Euzébio de Queiroz são dignas de nota, porque a praça de Salvador é o mais ativo empório de escravos — que para aqui são transportados em “Galeotas de marcha rápida, construídas nos Estados Unidos”. Durante sua estada na Bahia, uma galeota avaliada em 100.000 francos trazia 600 escravos, valendo um milhão. E revela o lucro dos armadores negociantes, argumentando que, se de 10 galeotas, apenas uma escapasse do cruzeiro in-

glês, mesmo assim não havia prejuízo. Afirma, entretanto, que, na verdade, de 10 galeotas, às vezes 1 é aprisionada, e as outras entram no pôrto com seu carregamento de escravos, fazendo a fortuna dos que arriscam dinheiro compensado com lucro alto das peças vendidas.

O francês aproveita a oportunidade para desancar a Inglaterra, esquecendo, por instantes, o Brasil.

E assegura ser muito difícil conservar qualquer ilusão sobre a filantrópica cruzada inglesa que, conheceu, quando esteve em Serra Leôa, onde desembarcaram negros apreendidos, logo entregues a fazendeiros ingleses, a título de engajados, pelo prazo de 14 anos, prazo burlado no vencimento por um suposto atestado de óbito do engajado, passando adiante a peça legalmente morta, entregue, muitas vezes, aos negreiros. E arremata: "confesso que custei a acreditar que a Inglaterra tolerasse tais abusos mas acabei me convencendo, tão evidentes eram os fatos".

Menos de 6 meses são passados e viaja o Conde para o norte, dirigindo-se a Pernambuco. Só retorna à França em 1844, onde, com essa desfaçatez de linguagem, escreve artigos para imprensa, artigos mais tarde concatenados em 1845, para êsse libelo contra o Brasil, de cujos proventos de vendagem, parece, pouco lucrou, porque em 1847 já ninguém sabia onde parava o nobre francês, que, justiceiramente, o povo francês despojara da nobreza e reduzira a cidadão e que, talvez por conveniência, se fechava no seu castelo de Vandéia, ruminando o seu ódio contra os que os que roubavam o brilho da côrte extinta.



Livro comentado: Conde Suzanet — *Le Brésil en 1845* — Tradução de Maria de M. Castro — Prefácio de Austregésilo de Athayde — Imprensa Universitária, Rio de Janeiro — 1954.

981.42 - R985		F.2775/74
AUTOR		
Ruy, Afonso		
TÍTULO		
Bahia, 1842...		
DATA	NOME DO LEITOR	
1911/18	Miriam R. D...	

981.42
R985

F2775/74

Ruy, Afonso

Bahia, 1842...